



# UM ESTRATEGISTA EXPERIMENTADO ORIENTA O INICIANTE

Robert Leider

**P**ara minha geração, que combateu a Guerra Fria, finalmente podemos divisar o sucesso. Após mais de 20 anos de uma atitude resoluta e determinada, a tensão internacional está relaxando. Os assuntos que têm provocado conflito entre as superpotências estão sendo superados um a um.

Nos locais por onde traçamos a seqüência — COREÍIA, BERLIM e SUDESTE DA ÁSIA — estão mais próximos de um entendimento do que jamais estiveram antes. As EUROPAS OCIDENTAL e ORIENTAL, estão dando mais valor à cooperação do que à confrontação. A CHINA COMUNISTA é um dos mais recentes compradores de tecnologia não comunista. Os ESTADOS UNIDOS e a RÚSSIA, no que se pode chamar de casamento de "corn flakes" com "caviar", estão estabelecendo laços de dependência mútua. Isto está no SALT, na Conferência de Segurança Européia, na Redução Mútua e Equilibrada das Forças, e na cooperação de combate à poluição e de conquista do espaço. Até mesmo o EGITO e ISRAEL podem ainda encontrar uma acomodação pacífica.

Está-se tentando ver adiante com alívio. A parte mais dura da tarefa já foi realizada. Finalmente, poderemos nos preocupar com nós mesmos, aperfeiçoarmos o nosso setor interno há tanto tempo negligenciado e devotar às cidades, à pobreza e ao meio ambiente, o tempo e a energia que até então têm sido dirigidos para o exterior, a fim de conter as pressões externas.

Mas darão os acontecimentos oportunidades para que ocorra essa mudança de prioridades? O fim da GUERRA FRIA não quer significar sinônimo de paz. Novas pressões estão se alinhavando e o principal objetivo nacional poderá ser deixado exposto numa situação desprotegida.



## A NECESSIDADE DE DEFESA DAS ASPIRAÇÕES NACIONAIS

Qualquer nação tem duas aspirações vitais. A primeira é o bem-estar dos cidadãos, daqueles que nutrem interesses e aspirações. Chama-se a isso aspiração por um Estilo de Vida. A segunda aspiração (não quer significar que seja segunda em importância) é a de prevenir a destruição da nação, a extinção da vida nacional. Você pode denominá-la de aspiração por Segurança.

Nós temos sido bastante felizes com as preocupações da GUERRA FRIA. Durante a maior parte da ocorrência desse conflito, os ESTADOS UNIDOS têm sido auto-suficientes em poder. Não foi necessário nos preocupar com a defesa do nosso estilo de vida. Foi possível excluir esse objetivo das prioridades mais baixas. As fontes internacionais de recursos naturais foram adequadas para sustentá-lo; não houve nenhum vento que soprasse vindo do exterior e que trouxesse intranquilidade. Todos os nossos esforços estavam disponíveis para serem dirigidos para garantia da nossa segurança.

Vocês, jovens, não serão tão afortunados. A auto-suficiência dos ESTADOS UNIDOS não irá muito longe. Pode não ser muito agradável para muitos de nós a idéia de que a AMÉRICA está se reunindo ao grupo das nações que não têm capacidade para se suprirem. As necessidades e expectativas do setor interno — emprego e renda — crescem dependendo da expansão dos investimentos no estrangeiro, do deslocamento de indústrias com alto consumo de energia para países onde a energia é barata e abundante, e do aumento da importação de bens essenciais. No desenvolver dessa transformação, o nosso estilo de vida, que outrora era imune a interferências externas, tem se tornado tão vulnerável aos desajustes internacionais como ocorre com a nossa segurança. A AMÉRICA, como muitas das nossas empresas, tem se tornado multinacional. Não pode mais ser definida por suas fronteiras. A nação está presente toda vez que o capital, o processo industrial, o conhecimento técnico, as matérias-primas e os mercados contribuam para o seu bem-estar.

Desse modo, a sua tarefa, jovem estrategista, terá dupla finalidade. Não é apenas uma e sim duas aspirações nacionais que estão sendo entregues aos seus cidadãos. O que é mais sério ainda, para defender o estilo de vida, você não encontrará exemplos históricos ou nenhuma disciplina acadêmica para orientá-lo. Você será pioneiro, rompendo novas terras assim que a nação for lançada no meio de antagonismos e pressões que são estranhos às experiências do passado.

O fato é que a nossa transição para a situação de nação que não é mais auto-suficiente, coincide com a constatação de que o nosso planeta não é, também, auto-suficiente. Verifica-se, ainda, que as necessidades futuras em recursos naturais para satisfazer a humanidade excedem o que o universo, já explorado e com prejuízo para o meio ambiente, com as suas fontes escasseando e não mais satisfazendo a demanda atual, terá que suprir indefinidamente. Neste contexto, o que deveria ser problema econômico, solucionável com adequadas quantidades de recursos financeiros, torna-se um problema político desordenado, no qual os participantes podem se agredir violentamente com qualquer coisa cerrada em suas mãos.



## O CULTO DO CRESCIMENTO

O conceito de um limite superior mensurável para a atividade econômica é uma desagradável, dolorosa e possivelmente inaceitável restrição sobre as aspirações nacionais, porque nenhum estado moderno poderá desincumbir-se das suas obrigações sem que cresça economicamente. Todo processo político e social é impulsionado pelo crescimento da nação. Quando existe uma estabilidade parcialmente enfraquecida, a segurança de um governo para que não seja derrubado depende da continuidade do impulso do crescimento do país.

Sob a pressão do aumento, em projeção geométrica, de uma população cada vez mais jovem, relativamente melhor educada, faminta por oportunidades, impacientemente sabedora da brecha que separa as nações ricas das nações pobres e altamente intolerante com a idéia de ter que deixar essa brecha sem uma ponte, os governos do mundo em desenvolvimento têm que insistir em alcançar o crescimento econômico.

No mundo desenvolvido, as orientações conduzindo ao crescimento são mais coordenadas nas suas origens, apesar de poderem não estar bem interpretadas, mas são igualmente conflitantes nas suas implicações a longo prazo. Tanto faz que as aspirações na classe pobre sejam por serviços sociais, as da classe média por emprego e condições de consumo ou que a elite pressione por um meio ambiente mais puro, o resultado vem a ser o mesmo: crescimento econômico que deve ser sustentado para que possa gerar os recursos que irão custear as medidas destinadas a atender àquelas aspirações.

Nenhum alerta quanto a limites para impedir a sua elevação acompanhou a rápida súbida do produto bruto mundial de dois para três trilhões de dólares no mundo de após guerra. Se algo ocorreu, foi que a acelerada atividade econômica exalou um intoxicante bálsamo de otimismo acerca das perspectivas futuras. A desigualdade entre as nações era aceitável, facilmente identificada pela partida defasada para o desenvolvimento e para a industrialização. Com o tempo, a brecha entre elas seria fechada, não interessava o valor da amplitude que essa brecha viesse a atingir. "Faça como nós fizemos", as nações ricas diziam para as pobres, "e daqui a 10 ou 20 anos vocês estarão onde nós estamos".

Os primeiros sinais das dificuldades que estavam por vir juntaram-se à elevação de dois para três trilhões do produto mundial bruto. Chegou com o súbito reconhecimento de que o meio ambiente começava a decair; o início do racionamento de energia e da escassez de água; o desumano espetáculo da extinção das espécies; o crescente interesse na extração de minerais de minérios menos econômicos; e o aumento da dependência externa desde que a procura interna, por bens, passasse a ser superior às possibilidades de suprimento da nação.

A agulha indicadora do crescimento está ainda voltada para cima. Desse modo, o produto mundial bruto se aproxima dos quatro trilhões e os efeitos da parte degradada se espalham e se intensificam. Os ferimentos físicos se aprofundam. A busca por minerais, água pura, solo fértil, proteínas de origem marinha, madeira, e



o mais importante, combustíveis energéticos, se amplia. Os proprietários de recursos naturais promovem um comércio de trocas com aumentos de preços progressivos, num frenético esforço para alcançar os padrões industriais dos seus clientes antes que a riqueza do solo feneça. Os clientes, por sua vez, estão passando por "deficits" comerciais e por escassez de moeda estrangeira necessária para pagar pelas crescentes quantidades de matérias-primas a serem adquiridas.

Neste ambiente, a localização de fornecedores favoravelmente dispostos e de mercados compensadores começa a tomar forma de política internacional. De repente as nações tornam-se sabedoras de que interesses econômicos e de segurança as impulsionam ao longo de caminhos divergentes, que o competidor comercial é seu aliado em defesa e que o seu adversário militar é o mais atraente sócio comercial. Defrontados com esse dilema, a situação tende, inicialmente, a assumir uma postura ambivalente que permita tirar partido dos dois interesses. Mas esta ambição está longe de poder ser satisfeita. Inúmeras oportunidades vantajosas são perdidas por causa da atitude constrangedora dessa situação. Toda vez que uma decisão deva ser tomada diante de qual caminho a seguir, os indícios são de que a opção será a favor das considerações econômicas e os alinhamentos e as rivalidades são reconsiderados para dar conformidade a uma solução simplista.

Se tudo isto está acontecendo no momento em que o mundo caminha para atingir o produto bruto de quatro trilhões, imaginem as conseqüências nas ocasiões em que ele estiver atingindo cinco, seis ou mesmo 12 trilhões — o produto esperado para o ano 2000, se a taxa relativamente modesta de crescimento anual permanecer em 5%? Qual tensão será a primeira a ser rompida, a física ou a política?

Mesmo quando toda razão ou lógica indiquem a necessidade de desacelerar, as pressões que se constituirão, agirão em sentido contrário. Não interessa qual a forma de governo — monarquia, ditadura ou democracia — a situação econômica permanece sendo o assunto popular número um. Sob essas circunstâncias, o melhor que qualquer governo pode fazer é nadar a favor da correnteza e não contrariar o curso do rio.

A curto prazo, pode haver pequeno perigo no atender a vontade do povo. Um planejamento militar poderia chamar esse período de primeira fase. As fontes de recursos naturais apesar de não estarem distribuídas equitativamente, estão ainda mais para satisfazer às necessidades do que para ser carentes. A única deficiência é que a procura por elas provoca contatos inesperados e sem qualquer planejamento da parte das nações. Tanto judeus quanto cristãos devem curvar-se para MECA se desejam petróleo.

Se o risco de uma dependência estrangeira se torna aceitável (sem dar importância a eventuais implicações), não deverá constituir obstáculo para a crescente expansão econômica de uma nação, o perigo de atingir os limites da capacidade de manter o crescimento auto-sustentável. A nação que atinge o teto natural da sua dimensão populacional poderá ver sua população crescer ainda mais se puder importar alimento. Poderá vencer uma barreira de poluição sem impor limitações à produção, exportando suas fábricas que expõem fumaça para as partes do mundo menos de



envolvidas. Isto poderá provocar outras medidas que irão adiar o encontro com o inevitável por 10 ou, talvez, 20 anos mais.

Esta é a fase I. Na fase II, as fontes de recursos não estarão mais tão distantes da plena utilização, ao mesmo tempo em que o consumo aumentará. Será um mercado de fornecedores. Os clientes competirão uns com os outros pelo produto que será escasso. Alguns poderão não conseguir tudo o que necessitarem e ficarão diante da maior dificuldade da escolha. Eles poderão aceitar as restrições e o risco, na pior hipótese, de um colapso interno; e nas melhores condições, uma vagarosa queda no seu prestígio e no sentido da inexpressão. Poderão, também, repelir as restrições e garantir aquilo que necessitam por qualquer meio, até mesmo pela força.

Os vencedores, enquanto isso, estarão elevando os preços diversas vezes, acumulando gigantescos fundos de reserva em moeda estrangeira e estendendo ainda mais a propriedade das fontes de recursos, incluindo os processos econômicos que se seguem à extração: transporte, beneficiamento, distribuição e comercialização. Podem impor um racionamento, se julgarem conveniente, para prolongar a vida da fonte.

Será um tenso ambiente de colisão entre sonhos e realidades. Qualquer coisa poderá acontecer. Os clientes poderão tentar expropriar a vasta rede de transporte, distribuição e comércio dos fornecedores de recursos naturais. Pequenas nações que passam por dificuldades e que não disponham de recursos naturais comerciáveis poderiam estimular seus ganhos com operações de mercado negro. Outras poderiam ser contratadas pelas mais poderosas para servirem como suas prepostas para impor verdades e agir por intimidação. Poderiam ainda, preferir não mais trabalhar para as nações ricas e optarem por agir contra elas, empregando estratégias e táticas utilizadas pelos terroristas internacionais. A fase II introduz um elemento de perigo distinto sob a qual os negociantes podem, por um período não longo, operar sem proteção.

E, então, vem a fase III, que é o período quando as previsões do destino, do dia do juízo final, como antecipa a escolha dos ecologistas e dos economistas, os PAUL EHRLICH e DENNIS MEADOWS, bem poderia concretizar-se.

É este o ambiente que os ESTADOS UNIDOS deverão freqüentar para negociar a aquisição das suas necessidades; um inquieto, barulhento, um local excitante, saturado com os gritos de explosão populacional, exaustão e dependência de recursos naturais, crise de energia, poluição do meio ambiente, fome, balança e "deficit" comercial, as nações ricas e as nações pobres, imperialismo, neocolonialismo, hegemonia mundial, expropriação, nacionalismo econômico, modernização, desenvolvimento, a corrida pela propriedade do fundo do mar, pela plataforma continental e pelos recursos marinhos, cidades viciadas e a extinção das espécies. É um local assinalado por aglomerado de lemas diversificados, de aspirações e de tendências; de conseqüências imprevisíveis, de inesperadas evoluções de acontecimentos e de interesses não previstos; de tortuosas cadeias de causa e efeito; de expectativas desen-



contradas e de desacertos; de soluções reversíveis e de teorias rotas; de crenças anacrônicas e de dogmas desatualizados; e de ganância, egoísmo e orgulho.

Os ESTADOS UNIDOS não entram nesse mercado como um modesto comprador, cujas transações são despercebidas. Eles entram como o país mais rico do mundo e o principal consumidor de recursos naturais. Sua riqueza e o seu apetite são de dimensões gigantescas tais, que entram nos planos e cálculos de todas as demais nações, quer como objetivos quer como obstáculos. Todas as esperanças e ambições, todos os lemas, aspirações e tendências são afetados, formados e modificados pela presença americana.

## AS TAREFAS CONFLITANTES

Comparado com o clima em que você, jovem estrategista, deverá agora trabalhar para proteger uma aspiração vital, os estrategistas do nosso tempo estavam em um ambiente de somente uma dimensão. Era mais exigido de nós a capacidade gerencial do que a própria habilidade estratégica. Agora, algumas variáveis foram incluídas para complicar o trabalho. As oportunidades para quantificação ficaram desajustadas, deslocando a necessidade para difíceis julgamentos de valor.

Na verdade, havia uma conjuntura para debate sobre a extensão do perigo, a quantidade de recursos financeiros que deveria — ou poderia — ser gasta na defesa, e a escolha dos sistemas de armas adequados. Porém, os debatedores na disputa, apesar de conscientemente não interpretarem assim, estavam do mesmo lado. Nenhum deles contestava os dois passos fundamentais que conduziam a identificação de pressões e a formação da estrutura de uma força de dissuasão. Inicialmente, os planejadores reduziam a lista de agressores potenciais para um ou dois deles que possuísem debilidades e vigores que os tornassem perigosos. Em segundo lugar eles criavam e instalavam um sistema de segurança que destruiria o agressor, não importava que caminho ele adotasse ou que meios pudesse escolher — quer fizesse uma aproximação pela porta da sala ou pela janela dos fundos, quer empregasse força ou astúcia.

Compare esta seqüência, os metódicos procedimentos com a tarefa que você terá que desempenhar.

— As pressões se multiplicaram. Não são mais um ou dois poderes facilmente identificáveis, mas qualquer número de nações nas mais variadas combinações — e com papéis alternativos de clientes, proprietários, vendedores ou competidores por mercados e por matérias-primas — e que poderão trazer perigo para a aspiração do estilo de vida nos mais variados graus.

— Ou considere possibilidades hostis. Ao pressionar a segurança, o poder inimigo provoca a mais elevada aspiração da nação. É como se o armamento que dispõe dissesse: "— Eu sou os meios para agredi-lo. Você duvida ou não que eu o faça?" Na pressão ao estilo de vida a análise não é assim tão simples. Dever-se-á iniciá-la considerando a fonte de atrito, e para o adversário se fala agora em um tom dife-



rente. Ele irá dizer-nos: "— Nossos interesses estão em conflito. Eu terei que descobrir os meios que permitirão atingir as minhas metas a despeito das suas".

— Os meios que ele poderá aplicar poderão ser militares, na forma convencional e quantificáveis. Entretanto, o mais provável é que eles serão uma mistura não convencional de muitos ingredientes — social, político, econômico e psicológico, com doses admissíveis de força física — reunidos especificamente para a tarefa única de assegurar o seu objetivo. Você deverá esperar que no elenco desses meios conste qualquer instrumento capaz de exercer pressão sobre um ambiente urbanizado, técnico, politicamente consciente e dependente compulsoriamente.

— Existem muitos outros modos em que nossos encargos de segurança se diferem:

- Se a minha geração associou esforços com nações agressivas que levou o mundo a se tornar instável, a sua terá que localizar distúrbios desordenados e que bem poderão ter uma tendência incontrolável.
- Enquanto nós estávamos alertados para as maquinacões de líderes políticos inamistosos, você já terá que ficar atento com a direção tomada pelo poder de determinadas forças.
- Se nos mantivemos com os olhos atentos ao desenvolvimento de armamentos, da subversão, de infiltrações e revoluções, você já terá que dar cerrada atenção às conseqüências de explosão populacional, aos "deficits" da balança comercial e aos planos econômicos conseqüentes das metas fixadas.
- Se nós escrevamos as nossas teses sobre a importância da nação A ou B, já você terá que explorar as condições das reservas de energia, suas localizações e quem as controla.

Possivelmente não será da sua direta responsabilidade se empenhar com os assuntos da última parte do século:

- Como e em que termos as nações irão competir para obter os recursos da terra e que estão diminuindo?
- Como as nações responderão ao desequilíbrio inevitável que deverá ocorrer quando um poder impedir o acesso às fontes baratas de um bem vital como é o petróleo, enquanto os rivais e competidores são forçados a lançar mão de substitutos mais caros?
- Como nações responsáveis permanecerão omissas enquanto outras se apossam indevidamente de propriedades alheias e agitam o delicado equilíbrio do ambiente internacional para obter conquistas econômicas de curta duração, mas com conseqüências inconvenientes que agirão em cadeia, atingirão profundamente e que se prolongarão no tempo?
- Finalmente, e a mais importante, quais serão as conseqüências políticas e sociais das desigualdades econômicas em um mundo que se está exaurindo?



Mas você ainda terá que enfrentar um grupo de perguntas paralelas e de menor interesse, ligadas a esses assuntos para as quais ninguém, a não ser você, poderá se preparar para responder:

- Qual será a necessidade em meios adequada a enfrentar uma crise de energia deliberadamente provocada?
- Quantos aviões deverão ser mantidos operacionais para prevenir que um fornecedor estrangeiro rasgue o contrato por iniciativa própria com termos severos?
- Quantos navios devem ser enviados ao mar para deter uma nova e anormal abordagem para a guerra — assassinatos, seqüestro de pessoas e de aviões, cartas-bombas, venenos lançados em redes de abastecimento de água, germes espalhados em plantações, umidade extraída da atmosfera, ou uma cidade sob o controle de terroristas nucleares exigindo resgate?
- Qual o valor da força que será exigida para deter uma nação que se engaje em uma empresa ecológica impensada que poderia redundar em um desastre de grande envergadura?
- De que forma será essa força? Será dividida em componentes político, econômico, militar e psicossocial separadamente administradas? Essas componentes duplicar-se-ão ou irão se complementar uns aos outros? Ou irão eles se ajustar em uma escala crescente tal que, se um deles falhar na sua tarefa, o que ocupa o degrau subsequente poderá ser engajado e prosseguir na ação?
- O mais importante, ainda, o que é AMÉRICA?

É uma entidade geográfica, um espaço encerrado em suas fronteiras, fisicamente definível e passível de defesa? Ou é a AMÉRICA um conceito mais amplo — um processo vital que envolve a economia interna, as fontes externas de suprimentos, investimentos no exterior, e os passos de uma produção integrada e de habilidades técnicas que uma empresa multinacional tem exportado?

## TENDÊNCIA DE ASPECTOS A SEREM APRECIADOS

Como poderá você melhor se preparar para responder às inseguras e indefinidas responsabilidades que estão se aproximando do seu caminho?

Existem oito tendências, as quais você terá que manipular com o máximo cuidado e que será a sua parcela de obrigação para proteger o nosso estilo de vida. Cada tendência é uma fonte de atrito, é a chave para o conflito nesta nova era em que o homem combaterá, não por poder, idéias ou princípios abstratos, mas sim por visíveis, tangíveis e realísticos resultados que estarão diretamente relacionados com o seu bem-estar e suas aspirações materiais.



Eu não posso contar-lhe tudo o que existe a respeito de cada tendência, mas posso apresentar um elenco de considerações envolvendo cada uma delas e que poderão torná-las geradoras de conflitos.

## 1. População

Admita que as atuais taxas de crescimento da população persistirão. Examine os países com as taxas mais altas. Em quanto tempo a população deles dobrará de valor? Esses países possuem recursos de capital — ou a potencialidade para obtê-los — para construir casas, escolas, hospitais, instalações sanitárias, estradas e fábricas que irão ajustar-se ao crescimento da população? Quais são as opções governamentais se os recursos disponíveis não possam satisfazer os números ou as aspirações? Os vizinhos são fracos, existe uma minoria na população que convenientemente poderia ser explorada, propriedades estrangeiras que poderiam ser desapropriadas?

Qual é a composição da população? Considere a perspectiva do JAPÃO em 1933. Sua população de jovens com menos de 20 anos ultrapassava em mais de 10 milhões a parcela situada entre 20 e 40 anos de idade. O país, em outras palavras, enfrentava o maior problema de ter que criar 10 milhões de novos empregos nas duas décadas que se seguiriam. Como? A emigração para outros países estava impedida por lei. A agricultura não poderia absorver trabalhadores adicionais. O JAPÃO escolheu a alternativa que lhe restou: avançar o máximo na sua industrialização e conquistar o mercado do continente asiático. Como poderão os países de hoje em dia, com uma população amplamente jovem e inquieta fazer face à crise de emprego?

Existem respostas previstas para os problemas internos? Poderão as nações assim comprometidas aliviarem-se das exigências do palco das questões internacionais para poderem dar uma atenção mais dedicada aos seus problemas internos? Ou terão elas, como a ALEMANHA de HITLER, a INDONÉSIA de SUKARNO ou a CHINA de MAO dos anos 50 e início de 60, de desenvolver uma política agressiva com relação aos seus vizinhos, oponentes ideológicos e "estados imperialistas", tomados como responsáveis por suas situações internas problemáticas. Que fatores provocam as nações a escolherem um procedimento em vez de outro — o grau de carência, o tamanho e força relativa dos vizinhos, o próprio poder militar? QUINEY WRIGHT, certa vez, notou que as guerras imperiais tinham tendência a serem iniciadas por países com a mesma rapidez no crescimento das suas populações, enquanto que as guerras de balanço do poder tendiam a serem iniciadas por nações com populações relativamente estáveis. É ainda válida essa observação?

Existe, nas diversas partes do mundo, crescimento diferenciado de populações de áreas adjacentes? Poderá isso conduzir a uma intensa emigração do país mais populoso para outra nação, formando, nesta última, uma minoria que poderá, em determinadas circunstâncias, exigir a proteção do seu país de origem, e, desse modo, arrastar os vizinhos à guerra?



O que considerar a respeito da urbanização? É a guerra revolucionária mais provável de ocorrer nas cidades, nas montanhas ou nas selvas?

## 2. Fome

Volte a considerar as nações com o mais rápido crescimento populacional. Podem elas explorar a quantidade de terra suficiente para produzir o necessário às exigências da sua alimentação? Se isso não acontece, existem glebas de terra disponíveis e viáveis de serem assim usadas nos territórios dos seus vizinhos?

Podem as colheitas serem incrementadas com a modernização da agricultura — pela implementação de novas espécies, pela adubagem e irrigação, pela criação de infra-estrutura de armazenagem, estradas, fábricas de fertilizantes, linhas de montagens para maquinárias agrícolas, complexos químicos que produzem pesticidas, redes de energia elétrica? Pode a nação ser capaz de levantar capital? Há disponibilidade de mão-de-obra especializada?

Se a modernização tiver sucesso, estará a nação preparada para enfrentar as conseqüências? O deslocamento de trabalhadores rurais, excedentes no campo e que não são necessários nas cidades, tornar-se-á uma força de fragmentação social? O dano ecológico tenderá a cancelar todos os ganhos registrados em um balanço, em virtude das perdas conseqüentes em outro setor como: o desaparecimento de florestas, vales férteis se transformando em lagos, abaixamento dos níveis das águas subterrâneas, o extravasar de pesticidas e fertilizantes levando seus tributos para os peixes e para a vida selvagem, e a uniformidade genética de vastas monoculturas, ocasionando o risco do catastrófico insucesso nas colheitas?

Nas mal sucedidas tentativas de modernização, outras perguntas devem ser inseridas: Quais as nações que estão capacitadas à superprodução? Sob que circunstâncias essas nações fornecerão assistência? Em consonância com o conceito de triagem de PADDOCK? Ignore aqueles que estão sentenciados a morrer, não importa quanto de ajuda eles recebam. De modo semelhante, ignore aqueles que irão viver, mesmo se não receberem qualquer ajuda; auxilie somente àqueles que devam ser ajudados para sobreviver. Ou deverá a ajuda ser dirigida por um critério que é menos prático, porem mais egoísta, que beneficia somente aqueles cuja forma de governo, atitudes no passado com relação ao doador e importância estratégica sejam compensadores?

Localize no mapa os produtores mais sólidos que tenham excessos de produção e também aqueles que mais provavelmente passarão por escassez. Compare o relacionamento entre esses grupos com os acordos de segurança e as alianças existentes.

## 3. Recursos Naturais não Renováveis

Determine, por serem críticos os recursos naturais não renováveis, como os combustíveis fósseis, a sua taxa de consumo e os níveis das reservas remanescentes deles por mais 5, 10 ou 15 anos, a partir de agora.



Para os compradores, estime o custo das importações anuais; suas capacidades para pagar por elas em moeda corrente ou por troca, a política externa que eles devem adotar e que manterá os seus prestígios, conservará a boa vontade dos vencedores e minimizará os "deficits" comerciais.

Para os fornecedores, antecipe as ações que eles poderão levar a efeito durante o tempo projetado — expropriação, exigência por uma parte da propriedade na distribuição, aumento de preços, redução da produção e retenção de embarques.

Admita maiores descobertas de fontes de recursos naturais na ÁFRICA, AMÉRICA DO SUL, SUDESTE ASIÁTICO e nos Oceanos. Avalie as implicações de tais descobertas sobre a prevalência das relações internacionais.

#### 4. Riquezas do Oceano

Antecipe o desenvolvimento de uma tecnologia na exploração submarina que permita perfurar e minerar o fundo do mar, nas profundidades de 1.000, 2.000 e 3.000 metros. Considere as implicações dos acordos internacionais. Admita, em vez disso, a pior situação: que as nações marítimas (costeiras) estabelecerão alegações de direito sobre o leito do mar que se estenda até os limites dos métodos de resgate. Localize as linhas de 1.000, 2.000 e 3.000 metros de profundidade. Que novas, e envolventes alegações estarão surgindo? Quais são as implicações para as principais rotas de suprimentos e direitos de livre passagem?

Avalie outras tendências que pressionam as nações para ampliar a extensão dos mares territoriais — usinas flutuantes de energia nuclear, aeroportos flutuantes, terminais marítimos para petroleiros gigantescos.

Que nações mediterrâneas têm vizinhos fracos e que possuem acesso ao mar? Exigirão elas uma parte de novas riquezas?

#### 5. Problemas do Ambiente Internacional

Relacione os principais acidentes geográficos como rios, lagos e mares interiores que tenham co-participação de duas ou mais nações. Admita elevados níveis de poluição. Registre as nações que possam ser grupadas na execução de tarefas de limpeza, considere os acordos regionais que possam ser formados para manter os acidentes geográficos limpos, e anote como esses grupos causam impacto nas alianças tradicionais que não se baseiam na ecologia, mas sim em ideologia ou no equilíbrio do poder. Admita para cada acidente partilhado uma situação de conflito: uma nação a montante, poluindo o rio sem considerar o uso da água por outra nação a jusante; a extração de uma quantidade desproporcional de água para refrigerar um reator nuclear ou alimentar redes de irrigação; prejuízo da indústria de pesca ou de recreação de outra nação; rejeição de participar de uma ação de limpeza ou a pagar por sua parte nos danos causados. Novamente, qual é o impacto sobre as alianças?

Determine quais poluentes que são passíveis de serem espalhados pelos ventos e oceanos, vindos de uma jurisdição nacional para outra (chumbo, mercúrio,



partículas atmosféricas, DDT, manchas de óleo e assim por diante). Considere a possibilidade de que um aumento em poluentes, combinado com uma elevada habilidade para assinalá-los desde sua origem, possam estimular as nações a ampliarem o conceito de soberania territorial para incluir nele o da pureza do ar e da água. Neste entendimento passa a ser o poluidor um agressor? É justificável eliminar a fonte de poluição pela força, se necessário?

Considere o uso político do interesse pelo meio ambiente: como uma contenção de atividades militares (testes nucleares, desfolhantes, bombas sonoras, alegados riscos de radiação provenientes de submarinos atômicos, guerra química e bacteriológica, destino de munições obsoletas); como um meio para conquistar metas nacionais (controle sobre estreitos, a fim de minimizar o perigo de vazamento de óleo, insistência para o reconhecimento político antes da participação em uma conferência internacional sobre o meio ambiente, a acusação de que o interesse ecológico é exatamente uma outra técnica empregada pelas nações desenvolvidas para manter o mundo em desenvolvimento submetido a seus interesses).

## 6. Mundo Desenvolvido versus Mundo em Desenvolvimento

Considerar como os interesses pelo meio ambiente, da parte das nações ricas, possam retardar o crescimento econômico das nações pobres: oferecendo financiamentos para implantações econômicas sem, no entanto, estar auxiliando, porque exigem que devam ser incluídas nos projetos, medidas de proteção ao meio ambiente; vendendo maquinária com equipamento anti-polvente, tornando-a mais cara; rejeitando apoiar os projetos que possam ferir a ecologia; eliminando pesticidas baratos e eficientes, exigindo portos e ancoradouros para a instalação de usinas de esgoto; reduzindo a compra de matérias-primas e recusando comprar bens que por pouco deixam de atender a novas exigências de padrões sanitários ou de segurança.

Deverão todas as nações industrializadas pressionar as nações pobres para que tomem determinadas atitudes que contribuam para que as primeiras satisfaçam suas aspirações com relação ao meio ambiente? Ou deverão as nações poderosas se absterem de tratar de interesses que têm menor expressão atualmente mas que constituem pontos básicos de um processo que será difícil de se conter no futuro? Considere na dependência do crescimento da população, as nações industrializadas pressionando sobre a capacidade das nações em desenvolvimento em assimilar os excessos de população com seu amplo suprimento de espaço, água pura, ar rarefeito, mão-de-obra barata, baixo custo de energia e de matérias-primas. Para muitos, essa dependência representa a última oportunidade para que persista um crescimento continuado. Certamente, nem todas as maiores potências irão deslocar segmentos de suas economias para as nações pobres. Aquelas que possuem espaço territorial que admita expansão da população, preservam a sua integridade física e com isso garantem uma vantagem estratégica adicional. Elas podem tornar instáveis e amplamente dispersas as operações de antigos rivais, ainda permanecendo imunes à fragmentação territorial. Suas posições indissolutas evita de serem surpreendidas e passarem por situação semelhante.



Considere as muitas maneiras pelas quais as nações pobres podem procurar acelerar o seu crescimento econômico. Elas podem reunir as aspirações e apresentá-las através de organismos internacionais para tratar de preferências, para proteção monetária durante difíceis crises de recursos financeiros e para serem compensadas por explorações ocorridas no passado. Elas podem votar constituindo um bloco nas Nações Unidas. Elas podem insistir para que haja um maior controle local dos recursos naturais, quer pela compra forçada, quer pela expropriação de acervos estrangeiros. Elas podem provocar um movimento de desequilíbrio da economia pelo aumento dos preços das matérias-primas vitais, criando escassez artificial, ameaçando racionamento ou o corte de fornecimento, exigindo parte da propriedade no processamento e na comercialização das matérias-primas e formando unidades de comércio integrando os produtores que estendem sua influência por todo o globo, o que provoca uma desordem na habilidosa maneira como as grandes potências estão acostumadas a subdividir o mundo (ORIENTE MÉDIO, AMÉRICA LATINA e assim por diante): As nações pobres podem procurar compensar o poder militar que as ricas possuem, alegando que os recursos com as despesas em armamentos devam ser convertidos em fundos de auxílio; negando direitos básicos; proclamando soberania sobre águas e estreitos internacionais; e pressionando para que haja neutralização das principais áreas estratégicas como o GOLFO PÉRSICO e o MEDITERRÂNEO. Finalmente, elas podem conduzir a ofensiva financiando as atividades revolucionárias com os seus imensos lucros ganhos no comércio exterior ou lançando táticas de terror do tipo das executadas por guerrilheiros internacionais.

Por outro lado, quais são as medidas que as nações industrializadas, que são dependentes dessas nações pobres, devem adotar para protegerem os seus interesses da agitação provocada por poderes auto-suficientes e da irracional "tática de união" empregada pelo mundo em desenvolvimento? Considere a conveniência de agir sobre o equilíbrio econômico; de exercer pressão física, de realizar proteção armada aos investimentos externos; e da preservação das rotas de transporte e de livres linhas de comunicações.

## 7. Nações Desenvolvidas versus Nações em Desenvolvimento

Considere as ações de competição que as poderosas nações industrializadas são capazes de aplicar para garantir a satisfação das suas necessidades. Estabeleça uma ordem dos conflitos passíveis de ocorrerem, considerando uma escala de intensidade.

Os menos perigosos, apesar de altamente complexos para serem solucionados, são as várias aproximações para conseguir minimizar o custo da produção com a instalação de equipamentos de preservação do meio ambiente. A nação A pode livrar-se de todos os inconvenientes de transplantar suas fábricas para regiões aonde a mão-de-obra é considerada mais importante que outras compensações que possa oferecer. A nação B garante uma maior concessão de taxas para despesas com controle da poluição, enquanto a Nação C subsidia inteiramente os custos. A maior prejudicada no mercado mundial é uma nação D, que não ofereça vantagens, Emprego,



mercados e lucros no comércio internacional tornam-se as razões de uma estrutura contábil que deixa a indústria privada absorver os custos complementares.

Em uma mesma categoria de conflitos estão: pesca intensiva; a impregnação por poluentes industriais das correntes de ar (ventos) regulares e que se vão depositar a centenas de milhas de distância, em plantações e em florestas; e o estabelecimento de padrões de poluição interna que, para todas as intenções e propósitos, atuam como barreiras para importação de artigos indesejáveis.

A seguir, na escala dos conflitos, está a competição pela influência sobre as nações em desenvolvimento. Desse modo, uma após outra das nações industrializadas canalizam suas energias econômicas para o mundo em desenvolvimento e forçam a obtenção de tratamentos preferenciais, concessões de contratos a longo prazo que poderiam facilmente conduzir a um atrito se não fosse a existência das empresas multinacionais. Para contratos de curto prazo, no mínimo, utilizam-se de escritórios comerciais internacionais como se fossem executivos situados dentro das casas de negócios dos concorrentes, planejando e controlando a linha de frente da disputa.

Mas a confrontação direta não pode ser afastada definitivamente. As nações que estabeleceram os seus poderes, seu patrimônio e o seu estilo de vida baseados em um fluxo ininterrupto de recursos naturais estrangeiros podem, mais cedo ou mais tarde, estar diante do fato de que, o que antes era uma corrente está a se transformar em um gotejar. Considere a possível conseqüência deste inevitável choque entre expectativas e realidades. Podem as aspirações comuns por segurança persistirem diante de uma tensão também comum, em virtude de que os aliados que buscam juntos essa segurança se verem forçados a competir entre si pelas mesmas parcelas de suprimento? Veremos uma repetição internacional da tragédia do partido DONNER, onde os antigos companheiros ligar-se-iam uns aos outros quando aumentasse a escassez dos bens necessários? Talvez exista uma outra alternativa. Se no passado, nos uníssemos para a segurança e visássemos também o balanço do poder, uma nova forma de aliança poderia ter surgido, baseada inteiramente em interesses econômicos comuns, com a obtenção de uma balança de recursos naturais internacional como o primeiro objetivo.

*Coronel ROBERT LEIDER. Serve no Gabinete do Assistente para Assuntos de Segurança Internacional do Secretário de Defesa dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, é possuidor de um bacharelado da Universidade de COLÚMBIA e de um mestrado da Universidade de GEORGE WASHINGTON e graduado do USACGSC e do National War College. Serviu na CORÉIA, ALEMANHA e JAPÃO; passou por duas vezes pelo Estado-Maior do Exército, em WASHINGTON, e comandou um batalhão da 1ª Divisão Blindada.*



## 8. Projeções de Cenários

Não se envergonhe de externas projeções futuras. Se para alguma coisa servem, elas ilustram as novas forças desconhecidas que passaram a agir hoje em dia.

Admita, por exemplo, que uma previsão científica popular possa vir a tornar-se uma verdade neste século — um aumento da temperatura da superfície da terra que venha a derreter a calota polar. Registre no mapa a elevação conseqüente do nível do oceano de 5, 10, 20 e 50 pés. Estime as glebas de terra, as fontes de recursos naturais e instalações perdidas, e a população deslocada de cada uma das nações marítimas. Quais seriam as maiores implicações em termos de modificações na hierarquia do poder, alianças e balanço do poder?

Considere também a popular predição, agora inversa, de que permaneça e mesmo aumente a camada de poluentes na atmosfera, provocando a difusão dos raios solares e causando a queda de temperatura. A calota polar se expandirá para além dos polos. As estações de maior produtividade para a agricultura se tornarão mais curtas. Quais seriam as implicações agora?

## CONCLUSÃO

Deixe-me concluir. O mundo torna-se, cada vez mais, um difícil lugar para se garantir os objetivos — segurança e estilo de vida. A ameaça de aniquilamento por meios nucleares pode ter aliviado por algum tempo, porém a insidiosa ameaça que paira sobre o estilo de vida está em evidência. É isso que irá absorver o seu tempo e a sua energia; é para ele que você deverá devotar sua iniciativa e inteligência. Nós tivemos a nossa GUERRA FRIA. Esta será a sua. Não a deixe esquentar.